



Rosaria. Foto: Divulgação.

Entrevista: Rosaria

Carla Schneider

Docente e pesquisadora nos cursos de Cinema, Centro de Artes, UFPel

Rosaria desenha, desenha e desenha desde criança. Sentia que essa era a sua forma de se expressar mas não acreditava que dali pudesse sair uma profissão. Foi aos 17 anos, na sua primeira visita ao “Anima Mundi – Festival Internacional de Animação” (ocorre anualmente no Rio de Janeiro e em São Paulo), que descobriu isso. Está bem registrado em sua memória: tudo começou na oficina de desenho animado, oferecida pelo evento em área específica conhecida como “estúdio aberto”, na qual era possível experimentar algumas técnicas de animação. Recebeu orientações sobre como fazer os desenhos sequenciais e de repente o seu personagem estava se movendo, o encantamento foi inevitável. Assim Rosaria compreendeu que além de desenhar podia animar seus personagens. Naquela época estava se preparando para fazer o vestibular mas uma de suas principais referências não estava nos livros e sim no filme *Noturno* (Aída Queiroz, 1986). Nas suas palavras “eu gostava muito de cavalos, sempre desenhava cavalos, e eu gostava de vê-los se mexendo. Este filme tinha isso, era brasileiro, era feito por uma mulher.” Estava decidido, era exatamente isso que queria para a sua vida. Desde então, Rosaria é uma das animadoras em destaque no cenário nacional, é sócia-diretora na “Fasfavor, desenhos animados”, e dirigiu três curtas-metragens animados. O mais recente *O projeto do meu pai* (2016) caiu no gosto do público e do júri profissional do Anima Mundi deste ano, conquistando: melhor curta; melhor curta brasileiro, prêmio Canal Brasil e prêmio BNDES.

ORSON – Como a animação aconteceu e acontece na tua vida?

Rosaria – Eu gosto da animação por causa dos filmes dos estúdios Disney. Eu achava (e ainda acho) eles incríveis. Os movimentos eram precisos e por isso as vezes eu assistia trechos em câmera lenta, em casa. Continuo vendo e revendo, são uma inspiração

para mim. Também gosto dos filmes brasileiros, pois te dão uma noção do que está sendo feito, o que o pessoal está aprendendo. A parte visual de um filme é muito importante para mim e eu tenho uma característica mais contemplativa para admirar as coisas. Quando eu viajo, por exemplo, não sou de sair em busca de muitas e muitas informações. Gosto de olhar uma coisa de cada vez, com calma e absorver mais daquilo ali, mais profundamente. Assisto menos filmes, porém mais vezes. Mais do que a história, minha satisfação nos filmes está em ver meus personagens ganhando vida. No mesmo ano que conheci o Anima Mundi, meses depois, eu me matriculei no curso deles que tinha um mês de duração, organizado em dez encontros. Ali já conheci pessoas, foi muito positivo em relação ao meu trabalho (que ainda não era bem um trabalho e sim algo mais espontâneo, autoral). Mas em três meses eu já estava trabalhando num estúdio em projetos para a publicidade e não parei mais. Fui indo de um trabalho para o outro, o pessoal foi me indicando, aprendi muitas coisas com quem eu trabalhava, escolhi fazer todo o tipo de trabalho que aparecia, sem discriminar, muitas vezes não tinha nada a ver comigo mas eu queria aprender.

ORSON – Observamos certa recorrência de filme animados numa linha mais de auto-ficção, quando o(a) realizador(a) traz dados vivenciados aliados a elementos ficcionais para compor a narrativa. Até a China (Marcelo Marão, 2015) e Se eu fosse Deus (If I Was God, Cordell Barker, 2015) ganharam prêmios no Anima Mundo edições 2015 e 2016, respectivamente. O projeto do meu pai – finalizado e lançado este ano, também parece seguir esta linha e vem conquistando prêmios. Como foi a ideia e realização deste filme?

Rosaria – Esta história já não é minha, já foi, mas faz parte da minha vida, sempre contei para os meus amigos e queria contar num filme. Fiquei um bom tempo procurando um jeito de fazer isso pois não poderia ficar nem muito triste, nem muito alegre. Precisei aprender alguns recursos técnicos de narração para contar esta história de uma maneira interessante para os outros. O tempo da narrativa neste filme, por exemplo, é muito importante, para acertar no humor e para evitar que ficasse muito maçante, pesado. Eu sabia que precisava ser um filme rápido, que tivesse uma boa evolução, que o público conseguisse acompanhar. Eu pensei muito no texto. Achava que o texto tinha que ser muito gostoso, tinha que

ser corrido, não podia pegar muito em detalhes, em coisas que as pessoas não se interessam sobre a minha vida. Escolhi primeiro o que eu achava ser mais relevante para o roteiro existir, para resultar na ideia de evolução que eu queria. Eu fui ter uma noção disso assistindo filmes que eu gostava, que eu acha que tinham um ritmo bom. Ao conversar com as pessoas, por exemplo, quando é que elas param de nos ouvir, quando perdem o interesse no diálogo? No *Projeto do meu pai* eu estou ali conversando, falando da minha história, com o meu jeito, para muitas pessoas que eu não conheço. Quando elas vão parar de me ouvir? Se não rirem, aquilo não tem interesse, não é engraçado. O tempo que as pessoas assistem ao meu filme seria o tempo que elas ficariam olhando para mim, se eu estivesse ali, contanto essa história? Aliado a isso, tem minha experiência em sala de aula, ministro oficinas sobre como fazer filmes de animação para estudantes da rede pública de ensino em Vitória (Espírito Santo) há mais de dez anos. Muitos desses alunos nunca foram ao cinema, são várias faixas etárias – já tive turmas distintas com alunos tendo 5, 7 e 17 anos. Com esses alunos desenvolvi o trabalho através do *storyboard*, que tem sido muito importante nestas oficinas porque ele otimiza nosso tempo de ensino-aprendizagem ainda mais, porque são os alunos que precisam realizar o filme. Aprendi muito com essa experiência, pois me abria a cabeça para vários tipos de narrativas visuais. Às vezes eu recebia roteiros escritos de uma maneira muito normal e eu precisava ajudá-los a transformar numa história de crianças. Essas questões me auxiliaram nas escolhas para *O projeto do meu pai*. Este filme, para mim, foi como que um exorcismo de memórias de um momento da minha vida que eu precisava falar sobre disso de uma vez por todas, foi positivo nisso. Quando eu contava esta história, percebia que meus amigos achavam interessante, não sei se era pelo jeito que eu contava. Então decidi tirar isso de mim de uma vez. É difícil de saber quando você acerta num filme até quando as pessoas começam a assistir. Eu fiz o filme de uma maneira muito pessoal, ele foi feito muito pra mim, sem maiores preocupações de acertos e mensagens. Acabou sendo o filme mais rápido que eu fiz. Levei um ano para realizá-lo mas é claro que naquelas condições de fazer somente nos meus horários vagos, intercalando com as correrias da gravidez e amamentação. Eu estava muito inspirada. É um filme que no começo estava todo rascunhado, então foi feito de um jeito instintivo. Para o visual do filme eu olhei muitos de-

senhos meus quando criança, até porque eles fazem parte desta memória através da narrativa que surge da minha tentativa de colocar humor, de ser engraçada, embora eu saiba que a história é triste. O roteiro foi uma parte que me dediquei bastante pois é totalmente autoral, verídico, não inventei nada, apenas construí uma ordem para as coisas, um jeito de falar e mostrar. Este filme foi o primeiro que fiz todo em formato digital, desenhei usando como ferramenta a Wacom Cintiq e assim eu tive todo o controle do processo, fiz todas as etapas usando meu computador. Animava e já via o resultado do movimento com o som junto. Aliás, eu gosto desse trabalho de edição, de ajustes da imagem com o som como é o caso da sincronia labial.

ORSON – A criação, edição e inserção do som nos filmes de animação é uma etapa importante e desafiadora. Como você trabalhou o som no *O projeto do meu pai*?

Rosaria – Este foi um filme que eu fiz de um jeito linear, do começo ao fim, evoluindo intuitivamente, na ordem do transcorrer da narrativa. A progressão dos desenhos também é a da personagem ao longo da história. Eu fiz o som por primeiro, mas durante o processo eu fui alterando, regravando. Como é a minha voz isso ficou facilitado. O final do filme, por exemplo, eu não estava gostando muito do tom então gravei um pedaço. Eu fiz um *animatic* todo rascunhado com o som de fundo para acertar no ritmo que eu queria para o filme. Na hora de animar, eu ainda fui fazendo mais ajustes até acertar no tempo, no *timing*, que revela a emoção da personagem seja ela triste ou engraçada.

ORSON – O teu segundo filme *Menina da chuva* é um desenho animado com duração de seis minutos e lançado em 2010. Ali há questões tuas também sobre as quais queria refletir?

Rosaria – Eu acredito que sempre tem muito da gente nos nossos trabalhos. Percebo isso vendo os filmes dos meus amigos, pessoas que eu conheço de perto. Algumas vezes isso fica mais discreto ou mais descarado, isso vai muito da personalidade de quem está fazendo o filme. Acho que meus filmes são todos autorais, são autobiográficos. O filme *Menina da chuva* mostra um momento meu de autodescoberta, num período que eu fui morar sozinha, então a his-

tória tem disso de crescer sozinha, de identificar coisas sobre você e isso te excluir de muitas outras. Já percebi pessoas que assistem ao filme e pensam que é sobre preconceito, e não é. O que coloquei ali são questões sobre conhecer a si próprio, de você descobrir ‘qual é a sua cor’, de perceber que ‘ali, naquele lugar, ninguém vai’, mas tudo bem porque este é o seu lugar, onde você se encontra. Eu estava vivendo essas questões, foi uma fase difícil e entendo que o filme me ajudou a resolver isso comigo. Sabe, acho que no fundo a gente sempre se resolve melhor (questionamentos pessoais) com os filmes porque ali fica dito e sai um pouco da gente e as pessoas passam a ver você através do seu filme também. As pessoas passam a aceitar você através do seu filme. Penso que o que a gente acerta sempre no filme é a sinceridade. O filme resulta num entretenimento com emoção. Se não tem emoção no que você está fazendo não vai passar nada mesmo. Como parte de seu sentimento, você tem mais controle de como expressá-lo. Claro que tem a parte técnica, que é muito importante, mas é só um instrumento. Se você realmente não tem o sentimento, fica vazio, eu não sei fazer filme assim.

ORSON – *Tem um dragão no meu baú* é teu primeiro filme. Contemplado pelo edital do Curta Criança, através do Ministério da Cultura em 2004, e trazia como predefinição ter duração de um minuto e apresentar o tema ‘meu melhor amigo’. Como foi esta experiência?

Rosaria – Este edital foi especial pois se caracterizou como o primeiro com o foco em filmes de animação, com um júri e prazos de produção específicos para esta área. Aliás, este edital é uma das vitórias da Associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA). Eu estava há uns três anos trabalhando com animação para publicidade e chegou este edital. Foi interessante ter o limite de um minuto. Eu acho que o maior erro das pessoas que começam a fazer filmes é querer fazer um filme de vinte minutos porque querem contar ‘a história da vida delas’. Na verdade você precisa de uma experiência de produção simplesmente para deixar pronto o filme. Não é o seu primeiro filme que irá ser sua melhor obra, que vai ser ‘aquela coisa’, muito provavelmente será o pior. Então quando surgiu este edital eu quis ter essa experiência. Na ocasião eu não tinha essa ansiedade de contar uma história específica. Então foi muito bom já ter essa definição do tema e do tempo de duração. Dei sorte de ter amigos que também conquistaram este edital e pude contar

com o suporte deles para aprender como resolver algumas coisas não só no projeto, mas na produção. Eu me inscrevi neste edital sem maiores expectativas (não achei que fosse ganhar) então inventei qualquer história, colori, enviei... e aí ganhei! No fim acabei fazendo todos os desenhos do filme - que foi todo feito no papel e depois digitalizado - até porque meus amigos também estavam ocupados nos seus projetos. Foi um processo um pouco atrapalhado, eu recebi ajuda na finalização e com certeza foi um projeto que abriu outras portas, inclusive para o próximo filme que fiz, o *Menina da chuva* que era uma história minha que eu queria contar. *Tem um dragão do meu baú* serviu como experiência e acho que é a melhor oportunidade que um animador pode ter: iniciar com um filme de um minuto e terminá-lo. Sim, eu diria que 'terminar o filme' é a parte mais importante, não tem que ficar mexendo e mexendo e mexendo (em outras palavras 'lambendo') o filme. Este foi um trabalho que eu fiz na maioria dos meus horários de intervalo entre trabalhos, pois neste período eu atuava como *freelancer*. Lembro de ter deixando de aceitar alguns trabalhos para poder terminar esse filme. Assim foram de 4 a 6 meses para deixá-lo pronto.

ORSON - Compreendemos como você deu conta de fazer *Tem um dragão do meu baú*. Em quais condições (recursos financeiros, prazos e técnicas) você realizou os outros dois filmes?

Rosaria - O *Menina da chuva* eu escrevi o roteiro e comecei a animar antes mesmo de ter os recursos de um edital. Foram pilhas e pilhas de papel para a animação que depois foram digitalizadas e, a partir dali as demais etapas foram feitas com o auxílio do computador. Os recursos financeiros chegaram somente no último ano de realização deste filme, através do Ministério da Cultura. Até lá, fui fazendo por conta, inscrevendo em vários editais. Já *O projeto do meu pai* eu tentei também alguns editais e não ganhei nenhum. Logo depois eu engravidei e decidi que mesmo sem os recursos de um edital eu ia fazer e terminar esse filme. Os recursos estão vindo agora, depois de pronto, com os prêmios, embora eu não tivesse como saber que isso iria acontecer. Sim, é muito importante ter o incentivo, os recursos, mas a gente precisa continuar fazendo porque isso faz parte da nossa evolução pessoal, pelo estudo, e não se pode parar isso por conta do contexto ao redor. Passe para a frente, prossiga, é importante começar e terminar o filme. Eu precisava

fazer isso e acabei o filme como dava. É claro que não fica igual do jeito que a gente quer, exatamente como a gente imaginou. Mas um filme pronto é um filme que todo mundo vai ver e é isso que vale. Os filmes são feitos para serem vistos. Se não ficou como eu queria em algumas partes, depois eu faço outro. Você precisa passar essa sensação do que ficou faltando, no seu próximo filme.

ORSON - No teu jeito de trabalhar, em que momento você define 'o filme está pronto'? Você mostra para algumas pessoas ou é uma definição somente tua?

Rosaria - Sim, eu mostro meu filme 'quase pronto' para algumas pessoas. Mas eu não me importo tanto com as opiniões. A maioria das pessoas para quem eu mostro são amigos que atuam nesta área então os conselhos que recebo são mais técnicos. Às vezes são de pessoas que respeito muito, às vezes eu concordo, às vezes não, pois necessariamente não é o que eu quero dizer. Você tem que ter consciência do que deseja passar através do seu filme. Precisa assistir não com um olhar crítico mas com emoção mesmo, você não pode perder a emoção. Minha dica é: assista ao filme, lembre de tudo o que você sentiu para que isso continue fazendo sentido. Quando eu assisto no cinema é outra experiência porque ali eu lembro do que eu estava fazendo, eu sinto aquela emoção de novo. Isso é muito importante. Você não pode olhar e ficar pensando 'eu poderia ter reanimado esta cena'. Eu tenho esse jeito assim mais desprendido mesmo. Pra mim acabou, acabou! Daí eu já fico pensando em outro filme, outro projeto que tenho vontade de fazer.

ORSON - Como você lida com a reação do público aos seus filmes uma vez que trazem questões pessoais que, como você disse, foram tiradas de você, quase como que uma terapia?

Rosaria - Dá um medo imenso essa exposição, eu tenho uma vergonha que fica maior do que falar em público. O coração bate forte. E procuro assistir junto com a plateia no momento da projeção. *O projeto do meu pai* é uma história muito pessoal e as pessoas estavam ali assistindo algo que fica tão grande na projeção da sala de cinema. Era tão pequeno na tela que eu trabalhei nele, apesar de ser grandioso em mim, tão pessoal e daí na tela do cinema ficou tão cruel. Ao perceber as pessoas reagirem me deu até um pouco

de tristeza. Mas foi bom porque é isso que fez a diferença. Eu senti ali, na projeção do filme, aquela história que eu vinha contando aos amigos. Percebi a galera rindo numa parte que eu fiz de propósito pensando nesta risada embora, na verdade, não seria engraçado. Na verdade é ainda uma mistura de sentimentos nessa minha relação com o filme sendo projetado. Essa experiência ainda é recente por conta do lançamento no Anima Mundi 2016, há poucos dias. Assistir com o público é outra coisa. Diria que não é o teste do seu trabalho e sim a conclusão do seu filme. Você tem que assistir seu filme, ouvir sobre o seu filme, buscar entender o que deu certo e não (que hora o pessoal ri, que hora chora) e levar essas informações para o seu próximo filme. Não acho que são questões técnicas, são coisas mais subjetivas, mais pessoais. O acerto tem mais a ver com a emoção que você passou através do filme.

ORSON – Além dos seus filmes, temos uns 15 anos de tua atuação no mercado de trabalho em animação, participando de projetos em vários estúdios e produtoras, inclusive como presidente da Associação de Cinema de Animação (ABCA) entre 2013 e 2014. Nos conte um pouco do seu olhar sobre estes espaços de trabalho no Brasil.

Rosaria – Trabalhei em estúdios e produtoras com foco em propagandas e séries de TV, mas não é muito o que eu gosto. É uma coisa que me cansa pela repetição, por não ter algumas escolhas que eu faria. Eu acostumei a ser *freelancer*, ser mais autônoma, por isso o trabalho em estúdios não é o meu perfil. Acho que para outras pessoas funciona bem, não quer dizer que a pessoa vai ficar estagnada. Para cada pessoa funciona um método para evoluir. Pra mim, estar num estúdio não funciona pelo simples motivo que não gosto de desenhar a mesma coisa por anos e anos. Eu tive, e aproveitei, essa oportunidade de fazer todas as etapas de um trabalho. Então é uma questão de você escolher se quer ser funcionário, se o seu perfil é trabalhar num estúdio grande e se dedicar a uma função específica, ou não. Na minha opinião, este tipo de escolha não te limita, é um caminho que você pode seguir. Aí é claro, você pode chegar mais lá na frente em pensar que você queria ter feito um curta-metragem. Para isso você teria que ter estudado mais, tinha que ter buscando o aprendizado em todas as etapas necessárias para se fazer um filme. O que tem acontecido e que, na minha visão, é o maior problema, é que os es-

túdios (pelo menos onde eu trabalhei, que eu conheço) têm um plano de carreira muito curto. Nós temos pouquíssimas vagas hoje, por exemplo, para diretores de animação. Então a pessoa não tem muito para onde crescer. Ela começa ali animando, ainda que ela se dedique a conhecer todas as etapas, a estudar como é feita a direção de um curta, até porque isso se difere muito de um direção para piloto de série, não temos ainda espaço para isso. Também não temos uma escola de animação para aprimorar os conhecimentos de quem já está no mercado (eu não tenho uma escola que eu possa ir, por exemplo) e são poucos os *workshops* neste sentido. Sim, temos as escolas que formam o pessoal que vai iniciar no mercado mas e mais lá adiante? Essa é uma questão para os iniciantes também pensarem. A partir do momento de você está no mercado de trabalho como faz para prosseguir evoluindo? Realizar seus curtas-metragens pode ser um dos caminhos. Acredito que essa é uma das maiores carências que temos no momento, a dificuldade de identificar um caminho, encontrar espaços e possibilidades para a sua evolução profissional seja qual for o seu ramo: publicidade, séries, curtas e longas-metragens. Então é isso que vivenciei quando eu estava trabalhando nos estúdios, eu sentia falta de saber para onde poderia ir: O que eu vou fazer aqui se já tem um diretor geral (geralmente os donos do estúdio)? Pra onde eu posso crescer? Meu plano de carreira, no estúdio, qual seria? Caso você esteja trabalhando num estúdio de grande porte, qual o outro estúdio que você poderia ir depois? Eu acho muito complicado neste sentido. Você precisa buscar o caminho da sua evolução, que seja dentro ou fora do estúdio, diversificando os tipos de trabalho inclusive. Vamos ver como fica este mercado, também estamos curiosos com este atual cenário do político. Quando estive à frente da ABCA ficou óbvio que faz toda a diferença o que está acontecendo no País inteiro. Eu acredito que vale a pena o pessoal pesquisar sobre o que está sendo feito, como é dentro dos estúdios. Acho que o que mais desmotiva quem está chegando nos estúdios é não entender muito bem para aonde que vai aquilo ali. Penso que isso precisa ser discutido, era o que eu queria que entrasse em debate na ABCA e que foi muito difícil. Mas, boto fé e vamos ver.

ORSON – O que te influencia e inspira?

Rosaria – Eu acho que há muitas coisas que influenciam nos nossos trabalhos. Eu quase não assisto TV. Mas eu toco piano (tenho

amigos músicos) e isso me inspira muito, faz diferença para o meu trabalho, para eu entender o tempo da narrativa, como as coisas acontecem. Houve uma época que eu tive um barco (depois eu o vendi por conta da minha filha). Os momentos de ficar sozinha, no mar, faziam diferença. A gente tem que fazer outras coisas, não dá para ficar somente assistindo porque ali já é a visão de outra pessoa. Você tem que ter a sua visão, tem que ir lá e fazer outras coisas na sua vida. Depois, quando você voltar para fazer o seu filme, ele vai ter essas experiências que você acrescentou ali porque foi vivendo. Acho que não precisa assistir mil filmes ou mil vezes ou pesquisar tanto assim. Quando você valoriza a emoção tem que buscar isso. Essa emoção está fora, no mundo que você sai para viver porque que é muito importante também fazer outras coisas. O que mais me inspira são as pessoas, eu gosto de música mas eu gosto de música ao vivo, eu gosto de encontrar, de ir ao mar, estar cercada das pessoas que eu gosto, ficar perto das coisas que a gente ama mesmo, que nos dão vontade de fazer. Inspiração não é uma ideia, inspiração é vontade, é mais um pouquinho do que você ter uma ideia. As pessoas se preocupam muito com a 'boa ideia' quando na verdade uma boa ideia não faz um filme bonito. Tem mesmo é que fazer com muita vontade porque dá muito trabalho e porque depois a pessoa quer ver a emoção.

ORSON – Dica para jovens universitários?

Rosaria – O que eu acho mais importante, que eu gostaria de ter entendido melhor nesta faixa etária, é que esta época não volta mais. Esse é um momento de fazer uma coisa que é só nossa mesmo, que é ingênua mesmo, pode fazer. Acho que a melhor coisa que eu fiz foi realizar um filme super ingênuo, terminá-lo, representar a emoção que eu estava sentindo ali. Era fraco, era pequeno, mas era muito bom e a sensação do primeiro fim, do filme, não volta. Então tem que só curtir mesmo, sem se preocupar com prêmio, com festival, às vezes não é selecionado, azar! Aquilo ali (o filme) é a nossa vida, mas é o começo. Então acho que todo mundo tem que fazer o primeiro filme e depois vai ver se vai fazer outro. Mas o primeiro tem que ser muito legal de fazer, senão você não vai fazer outro.